

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS

E-ISSN 2358.6958

Vegetar o pensamento e a
sensibilidade por plantropocenos possíveis

Daniela Cassinelli

Para citar este artigo:

CASSINELLI, Daniela. Vegetar o pensamento e a sensibilidade por plantropocenos possíveis. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 56, dez. 2025.

 DOI: 10.5965/1414573103562025e0301

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento está licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](#) – (CC BY 4.0)



Vegetar o pensamento e a sensibilidade por plantropocenos possíveis¹

Daniela Cassinelli²

Resumo

Este artigo partiu das experiências sensíveis e dos conceitos corporificados na disciplina *Ecologias da atenção: derivas entre costura e cultivo*, ministrada pelas professoras Virgínia Kastrup (UFRJ) e Mariana Guimarães (CAp-UFRJ) no Instituto de Psicologia da UFRJ, durante o primeiro semestre de 2025. Instigada pelo trabalho de Evando Nascimento, *O pensamento vegetal* (2021), mais especificamente pela semântica do verbo “vegetar”, propôs-se uma reabilitação positiva do termo, de modo a contrariar seu sentido colonial, como nos inspira Antônio Bispo dos Santos (2023). Investigou-se como podemos aprender e conspirar com as plantas em busca de plantropocenos (Myers, 2021) possíveis.

Palavras-chave: Vegetar. Pensamento. Sensibilidade. Plantropoceno.

Vegetating thought and sensitivity for possible planthroposcenes

Abstract

This article drew on the sensitive experiences and concepts embodied in the course *Ecologias of attention: drifts between sewing and cultivation*, taught by professors Virgínia Kastrup (UFRJ) and Mariana Guimarães (CAp-UFRJ) at the Institute of Psychology at UFRJ, during the first semester of 2025. Instigated by Evando Nascimento's work, *O pensamento vegetal* (2021), and more specifically by the semantics of the verb "to vegetate", the article proposed a positive rehabilitation of the term, countering its colonial meaning, as inspired by Antônio Bispo dos Santos (2023). The article explored how we can learn from and conspire with plants in search of possible planthroposcenes (Myers, 2021).

Keywords: To vegetate. Thought. Sensitivity. Planthroposcene.

Vegetar el pensamiento y la sensibilidad por plantropocenos posibles

Resumen

Este artículo se basó en las experiencias sensibles y conceptos encarnados en el curso *Ecologías de la atención: derivas entre la costura y el cultivo*, impartido por las profesoras Virgínia Kastrup (UFRJ) y Mariana Guimarães (CAp-UFRJ) en el Instituto de Psicología de la UFRJ, durante el primer semestre de 2025. Instigada por la obra de Evando Nascimento, *O pensamento vegetal* (2021), y más específicamente por la semántica del verbo "vegetar", el artículo propuso una rehabilitación positiva del término, contrarrestando su significado colonial, inspirado por Antônio Bispo dos Santos (2023). El artículo exploró cómo podemos aprender de las plantas y conspirar con ellas en búsqueda de plantropocenos (Myers, 2021) posibles.

Palabras clave: Vegetar. Pensamiento. Sensibilidad. Plantropoceno.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada pela autora do artigo dada a sua formação acadêmica.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduação em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).  danielabcassinelli@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/2341377231781328>

 <https://orcid.org/0000-0002-0211-4277>

Transformei as nossas mentes em roças e joguei
uma cuia de sementes.
(Antônio Bispo dos Santos)

Germinando palavras

Como uma carta sem remetente específico, o bordado em linhas vermelhas e azuis sobre o tecido creme deixa uma mensagem delicada e forte aos passantes que entram e saem do prédio da Escola de Comunicação e Educação da UFRJ - campus Praia Vermelha. Quem sustenta essa mensagem, imponentemente enraizada ao lado da escada principal, é uma *Ficus Elastica*, uma espécie de figueira de enormes proporções. Delicada e forte, ela comunica aos humanos que por ali passam, num verbo infinitivo: vegetar (é preciso).

Figura 1 – Vegetar. Intervenção em bordado. Foto: Daniela Cassinelli





O bordado integra um circuito que costura os jardins do campus Praia Vermelha com *fitografias*³ – escritas que emergem das e com as plantas – que clamam por mudança, por cuidado, por outros regimes de tempo, outros cultivos da atenção. A proposição, por sua vez, surge dos encontros fecundos da disciplina *Ecologias da atenção: derivas entre costura e cultivo* – oferecida pelas professoras Virgínia Kastrup (UFRJ) e Mariana Guimarães (CAp-UFRJ) no Instituto de Psicologia da UFRJ.

Ao longo das tardes de segunda-feira, tecemos reflexões que tiveram o fio como guia, o corpo como base, as plantas como modelo. Em confluência com diversos pensadores contemporâneos, experimentamos formas outras de fazer pesquisa acadêmica, mobilizando os pensamentos com as mãos, hábeis em fiar e desfiar. Através de proposições estéticas e atencionais, semeamos *palavras germinantes*⁴.

As palavras, em sua trama de significações, foram tema de debates instigantes. Uma palavra cooptada por discursos conservadores deve ser abandonada ou disputada? Quando uma palavra vale o embate dentro de um campo de conhecimento? E quando vale mais a invenção de outros léxicos?

Para Antônio Bispo dos Santos, os processos de denominação podem ser colonizadores, por isso ele sugere a arte de denominar como arma para contrariar o colonialismo, no que ele chamou de *guerra das denominações*: “o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (Santos, 2023, p.13). “Temos que enfeitiçar a língua” (Santos, 2023, p.14), ele diz. Mas e quando esse feitiço é feito dentro da palavra mesma, a ponto de desestabilizar os sentidos coloniais que nela se assentaram?

Essa é a proposta que gostaria de fazer aqui, apoiada no trabalho de Evando Nascimento. Em seu livro *O pensamento vegetal*, ele discorre sobre a semântica do verbo vegetar, que em sua etimologia, do latim *vegetare*, significava algo como

3 O termo fitografias é usado no livro de Evando Nascimento *O pensamento vegetal* (2021, p.83).

4 A expressão ‘palavras germinantes’ aparece na obra *A terra dá, a terra quer*, de Antônio Bispo dos Santos (2023, p.15).



“vivificar, fazer crescer”, mas que atualmente “é sinônimo de um viver sem consciência, [...] alguém que vegeta, e não só em português, é alguém que vive uma vida inútil e mecânica ou está em coma” (Nascimento, 2021, p.46). Como o vivificar original de *vegetare* se transformou em seu oposto, equivalente a uma vida quase sem vida? E como reabilitar a semântica positiva do termo? Essas são questões centrais nessa investigação.

Aprendendo com as plantas

Para começar a responder a primeira pergunta, recorro novamente a Evando Nascimento. Em sua análise acerca do termo vegetar, ele aponta como a tradição filosófica ocidental criou uma hierarquia ontológica entre os seres vivos, em que os humanos estão no topo e as plantas, na base, seguidas dos animais. Aristóteles, por exemplo, apesar de considerar o caráter anímico das plantas, afirma que sua alma é incompleta. Seguindo esta tradição metafísica, Heidegger defende, no século XX, que somente os humanos existem e constituem mundo, enquanto animais e plantas apenas vivem, destituídos de linguagem e pobres de mundo. Logo, um “abismo existencial e ontológico se consolida então entre nós, humanos, de um lado e os animais e vegetais, de outro” (Nascimento, 2021, p.54).

Esse abismo ontológico está na base da crise ecológica que atravessamos, na medida em que a construção do pensamento filosófico e científico moderno “possibilitou desanimar uma seção do mundo, declarada objetiva e inerte, e superanimar outra, declarada subjetiva, consciente e livre” (Latour, 2020, p.142). Os efeitos dessa operação – que se estende às dicotomias natureza/cultura, mente/corpo, sujeito/objeto – aliados aos avanços da tecnologia e do capitalismo, têm sido chamado por muitos (o termo se proliferou para além da comunidade científica) de Antropoceno, isto é, uma nova era geológica marcada pelo inegável impacto da ação humana no planeta. O termo, portanto, “engloba como os humanos tornaram-se forças geomorfológicas e ecossistêmicas que entram em tensão com as condições da biosfera, da litosfera, da hidrosfera e da atmosfera necessárias para a permanência da vida no planeta” (Souza Júnior, 2024, p.2).



Todavia, têm-se levantado críticas ao termo generalizante que, mais uma vez, elege o ‘antropos’, isto é, o humano, como centro da questão, pois essa “centralidade do ‘antropos’ reforça o ideário da cisão sociedade-natureza, colocando a primeira como superior à segunda, o que reitera uma das causas da crise ambiental” (Souza Júnior, 2024, p.3). Ademais, ao tomar o humano e, portanto, a humanidade como um conjunto homogêneo, argumenta-se que a “generalidade implícita ao conceito obscurece a multiplicidade de lugares enunciativos e existenciais daqueles que não contribuíram para o desarranjo planetário” (Souza Júnior, 2024, p.3), ignorando, assim, povos e vidas que não só não contribuíram com a crise, como resistem a ela há muito tempo.

Tendo em vista essas críticas, alguns têm proposto o termo Capitaloceno, que coloca a responsabilidade do colapso ambiental não na totalidade da espécie, desconsiderando a diversidade de “humanidades” em jogo, mas no sistema econômico do qual deriva a destruição massiva da biodiversidade que presenciamos hoje. Outros ainda sugerem o termo Plantantionoceno, referindo-se ao sistema colonial das *plantations*, responsável pela “massificação dessas espacialidades pautadas na escravização de humanos e não humanos, na padronização homogeneizadora, na reificação universalizante e no aprofundamento da cisão cultura-natureza” (Souza Júnior, 2024, p.7). Isto é, na produção de monoculturas socioambientais e mentais, como sugere Vandana Shiva (2003).

Qual seja o termo preferido, as consequências do colapso que vivemos é real, não apenas para humanos, mas para toda a vida na Terra. Por isso, é preciso propor outros nomes e confabular outras histórias que semeiem mundos dentro deste mundo, o que pensadores de diversos campos têm arriscado fazer, acreditando, como Donna Haraway (2016), que importam que conceitos pensam conceitos. Dito isso, destaco aqui o termo Plantropoceno, proposto por Natasha Myers, que recusa a centralidade do humano em favor de narrativas onde nos tornemos capazes de conspirar com as plantas. Para a antropóloga, “Plantropoceno é uma episteme aspiracional, não uma era limitada pelo tempo, que nos convida a criar novas cenas e novas formas de ver e semear relações plantas-pessoas no aqui e agora, não



em um futuro distante”⁵ (Myers, 2021, p.5).

Pensar um Plantropoceno é considerar que as “plantas são as produtoras de mundos que precisamos prestar atenção se esperamos cultivar mundos habitáveis”⁶ (Myers, 2021, p.5), ideia corroborada por Emanuele Coccia, em seu livro *A vida das plantas* (2018). O filósofo sugere que são as plantas que devemos interrogar se quisermos compreender o que significa estar-no-mundo. Isso porque “nenhum outro vivente adere mais do que elas ao mundo circundante” (Coccia, 2018, p.12), o que faz delas a “forma mais intensa, mais radical, mais paradigmática do estar-no-mundo” (Coccia, 2018, p.13).

Foram os organismos capazes de fotossíntese que tornaram a Terra e a atmosfera habitável, num processo chamado de grande oxidação ou catástrofe do oxigênio (Myers, 2016; Coccia, 2018). Segundo Myers (2016, s/p), “vivemos agora na esteira do que poderíamos chamar de Fitoceno. Esses seres verdes tornaram este planeta habitável e respirável para animais como nós”⁷. Foram as plantas que abriram para a vida o mundo das formas, como defende poeticamente Coccia (2018, p. 18): “Foi através das plantas superiores que a terra firme se afirmou como o espaço e o laboratório cósmico de invenção de formas e de modelagem da matéria”. A partir de então, os seres foram modelando o mundo com sua existência: “estar-no-mundo significa necessariamente fazer mundo: toda atividade dos seres vivos é um ato de design na carne viva do mundo” (Coccia, 2018, p.43).

Assim, a ideia de que apenas humanos fazem mundo é de uma arrogância metafísica que desconsidera outros *pontos de vida*⁸, outras linguagens, outras formas de estar-no-mundo. A pretensa superioridade humana, basilar no pensamento moderno-colonial, ignora que “os organismos estão situados dentro

5 The Planthroposcene names an aspirational episteme, not a timebound era, one that invites us to stage new scenes and new ways to see and seed plant/people relations in the here and now, not some distant future. (Tradução nossa)

6 Plants are the world-makers we need to heed if we hope to grow liveable worlds. (Tradução nossa)
7 we now live in the wake of what should be called the Phytocene. These green beings have made this planet livable and breathable for animals like us. (Tradução nossa)

8 Expressão utilizada por Emanuele Coccia, em seu livro *A vida das plantas*: “Todo conhecimento cósmico é um ponto de vida (e não apenas um ponto de vista)” (2018, p. 25)



de profundas, e emaranhadas, histórias” (Van Dooren; Kirksey; e Münster, 2016, p.41). Como aponta Ailton Krenak, “nas narrativas de mundo onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças” (Krenak, 2022, p.37). Como, então, tornar a ouvir essas outras presenças, especialmente as plantas? Como mobilizar o pensamento vegetal, como provoca Evando Nascimento?

“Importam quais estórias produzem mundo, quais mundos produzem estórias”, diz Donna Haraway (2023, p.27). Ursula Le Guin sabia disso, ao questionar-se sobre a história do herói, aquele que dispõe de uma lança e vai atrás de aventuras, como caçar mamutes. Em contraposição à narrativa do herói, com suas varas e lanças e espadas, Le Guin apresenta a narrativa como bolsa, cabaça, rede. Ao contrário do que se pensa, o principal alimento dos seres humanos nos períodos da dita pré-história eram vegetais, não animais. Isto significa que a primeira tecnologia humana provavelmente foi um recipiente e não uma arma, algo para que se pudesse armazenar sementes, folhas, nozes.

Se ser humano significa fazer uma arma e matar com ela, então eu não era humana, declara Le Guin. No entanto, se ser humano significa coletar algo comestível ou belo e guardá-lo em um saco, bolsa, casca ou rede, então, enfim, poderia ser humana. “É a história que faz a diferença. É a história que escondeu minha humanidade de mim, a história que os caçadores de mamutes contaram sobre atacar, empurrar, estuprar, matar, sobre o Herói” (Le Guin, 2021, p.21). A história do assassino. A história do colonizador. Não a história da vida.

Enquanto ouvíamos as palavras de Le Guin, costurávamos bolsas em uma sala modesta do Instituto de Psicologia. Esse exercício de ouvir uma história enquanto se tece é uma prática ancestral associada ao dom narrativo. Segundo Walter Benjamin (1985, p.205):

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.



Com linhas e agulhas na mão, em um processo de escuta e fabulação coletiva, fomos tecendo outras histórias, urdindo relações entre conceitos e matérias, para enfim coletar sementes de um outro porvir. “A mão sabe, e une o trabalho intelectual ao trabalho manual”, diz Silvia Rivera Cusicanqui em conversa com Mariana Guimarães (2023, p.160). Terminadas nossas bolsas, com seus tamanhos e formatos diversos, saímos para o campus, em busca deambulatória de sementes, folhas, galhos e outros espantos que nos chamasse a atenção pelo caminho e que pudessem contar uma outra história, a história da vida.

Nessa história, humanos não são o ator principal, a única espécie que possui linguagem e é capaz de fazer mundo. Nessa história, as raízes penetram o solo e acoplam-se aos micélios, numa rede subterrânea que comunica e produz mundos; as folhas balançam no vento e seu chacoalhar cocria com os pássaros orquestras aéreas; as sementes aguardam pacientes os bicos que as transportarão até um canto de terra que desvele seus segredos guardados milênios adentro. Nessa história, “os seres humanos são com a Terra e da terra, e as potências bióticas e abióticas dessa Terra dão forma à narrativa principal” (Haraway, 2023, p. 104).

Todas as vidas são necessárias nessa história – não importantes ou úteis, mas necessárias, como afirma Antônio Bispo (2023). Pois nenhum mundo se produz sozinho, estamos emaranhados em complexas tramas multiespécies e nos tornamos uns com os outros, em devir-com – *simpoeieticamente*, como defende Donna Haraway (2023). Nesse sentido, as plantas nos oferecem um modelo de reciprocidade, colaboração e generosidade. Sua aparente fixidez supõe uma entrega ao ambiente, que lhes proporciona o alimento – água, luz e solo – que elas então devolvem em forma de energia e abrigo para outras espécies. Seu viver é mais coletivo que individual, sua inteligência, distribuída e descentralizada, e “se autossustentam ao mesmo tempo que nutrem a maior parte da vida no planeta” (Nascimento, 2021, p.68).

Sendo assim, um “pensar vegetal não pode ser um cultivo de si em detrimento do outro, precisando associar-se para colaborar em proveito de tudo que vive” (Nascimento, 2021, p.71). O pensamento vegetal, nesse sentido, “é necessariamente sensível, intelectivo, aberto ao outro enquanto outro”



(Nascimento, 2021, p.77). Mobilizar o pensamento vegetal, portanto, implica uma abertura radical ao outro, uma sensibilidade intelectiva, colaborativa, recíproca. Algo que vai na contramão do pensamento colonial, individualista, dicotômico, cosmófóbico.

Talvez, mais que mobilizar o pensamento vegetal, inspirado nas plantas e sua forma radical de estar-no-mundo, seja necessário vegetar o pensamento. Isto é, vivificar, fazer crescer, confluir formas relacionais de pensar-com a trama da vida. Tornar impensável o excepcionalismo humano e o individualismo, ou seja, “indisponíveis para se pensar com” (Haraway, 2023, p.57). Vegetar o pensamento como movimento contracolonial de nutrir palavras germinantes.

Para além do âmbito do pensamento, é necessário vegetalizar a sensibilidade, isto é, radicalizar os sentidos, como faz a raiz ao se aprofundar e se espalhar sob a terra, conectada aos micélios. Como sugere Natasha Myers (2021, p. 8): “depois de ter posto em prática esforços para descolonizar o seu senso comum, é hora de vegetalizar seu aparato sensorial para que você também possa aprender com e junto das plantas⁹.

É o que fizemos, por exemplo, na performance Umbigo, proposta por Mariana Guimarães. Primeiro, fomos instigados a brincar com nossas dimensões corporais através de um fio. Em seguida, com esse mesmo fio enrolado sobre a barriga, na linha do umbigo, criamos uma tecitura através da técnica do crochê de dedo. Após cada um tecer seu próprio umbigo, fomos acoplando gradualmente os fios uns nos outros, até formar um grande corpo coletivo. À medida que caminhávamos amarrados uns aos outros por essa trama de umbigos, a tensão e o cuidado ao mover se intensificavam.

⁹ Once you have set in motion efforts to decolonise your common sense, it is time to vegetalise your sensorium so that you, too, can learn with and alongside the plants. (Tradução nossa)

Figura 2 e 3 – *Performance Umbigo*. Foto: Rafael Luz.

Assim como as plantas, que só aparentemente estão imóveis, na medida em que se comunicam ativamente através da malha subterrânea que transporta informações e nutrientes, compusemos nessa performance um corpo coletivo. Sentimos com o corpo todo como a ação de um influencia os demais, num sutil movimento de corpos que apertam e afrouxam, buscando caminhar sem romper a coletividade. Experimentamos, então, com todo nosso aparato sensorial, uma forma coletiva de estar-no-mundo, como nos ensinam as plantas.

Cultivando outras sensibilidades

O que significa aprender com as plantas? Conspirar com elas mundos habitáveis, não no futuro, mas aqui e agora? Ao cultivar a atenção e a sensibilidade aberta ao outro, em sua diferença radical, talvez possamos semear plantropocenos possíveis. Desafiando palavras e pressupostos coloniais, como aquele que reduz o vegetal a algo sem vida, propusemos, ao contrário, reanimar o sentido original do termo, que implica vivificar, fortalecer.

Vegetar torna-se, então, um verbo de dimensões ético-estético-políticas,



conjurado afim de re-vitalizar o pensamento e a sensibilidade, de reconhecer a coletividade e a colaboração intrínseca aos processos de viver. Trata-se de reflorestar mentes, tornando-as novamente capazes de tecer narrativas mais-que-humanas, para além da arrogância metafísica de superioridade do homem (branco, masculino, colonial). Disponibilizar em nossa bolsa-ficção metáforas e conceitos que cultivem imaginários férteis, multiplicantes. Nutrir, por fim, as artes da atentividade, ou seja, práticas que buscam “aprender como se poderia melhor responder ao outro, como se poderia trabalhar para cultivar mundos de florescimento mútuo” (Van Dooren; Kirksey; e Münster, 2016, p.52).

Através de práticas como as vivenciadas na disciplina *Ecologias da atenção*, que, com um punhado de fios e corpos atentos, foi capaz de costurar pensamentos, cultivar sensibilidades e semear palavras contracoloniais, experimentamos outras formas de se relacionar com as plantas e com o fazer pesquisa. Em favor da corporificação de conceitos, confiamos que o que transborda em nossas pesquisas parte de vivências que nos tocam e nos movem, polinizando sentimentos, pensamentos, palavras. Fiamos-com a história da vida: história tramada a muitas mãos, com fios de vidas diversas e vibrantes, todas necessárias.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas*: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de. Quantos ‘cenos’ forem necessários: múltiplas faces conceituais ante ao Antropoceno. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 46, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/71171> Acesso em: 17 set. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

GUIMARÃES, Mariana. A cozinha é uma biblioteca de filosofia: diálogos com Silvia



Rivera Cusicanqui sobre práticas de descolonização e destecer, entre batatas, cenouras, sapos e gente. *Arte & Ensaio*, v. 29, n. 46, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/62584> Acesso em: 17 set. 2025.

HARAWAY. Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade* [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/> Acesso em: 17 set. 2025.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2023.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LE GUIN, Ursula K. *A teoria da bolsa de ficção*. São Paulo: n-1 edições, 2021.

MYERS, Natasha. *Photosynthesis*. Theorizing the Contemporary, Fieldsights, Janeiro 21, 2016. Disponível em: <https://www.culanth.org/fieldsights/photosynthesis> Acesso em: 17 set. 2025.

MYERS, Natasha. How to grow liveable worlds: Ten (not-so-easy) steps for life in the Planthroposcene. *ABC Religion & Ethics*, v. 7, 2021.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Trad. Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. *ClimaCom* 3, no. 7, 2016, p. 39-66. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/estudos-multiespecies-cultivando-artes-de> Acesso em: 17 set. 2025.

Recebido em: 19/09/2025
Aprovado em: 11/11/2025